

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE ENFERMAGEM

**NUPEQS - Núcleo de Pesquisas e Estudos
sobre Quotidiano em Saúde**

Sub Grupo História Oral

*A História da Escola de Enfermagem Carlos Cha-
gas*

ENNY ENNES

*Belo Horizonte
Minas Gerais*

Traços Biográficos

ENNY ENNES

Nascida a 18 de dezembro de 1928, em Itapecerica - MG, mudou-se, ainda criança, para Belo Horizonte. cursou o magistério no Instituto de Educação. Durante o curso foi motivada a fazer enfermagem pelo professor de biologia - médico que, também, ministrava aulas na Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC).

Ingressou-se na EECC, em 1953, buscando conciliar o trabalho como professora primária, vinculada ao Estado, e a enfermagem. Entre licenças, mudança do horário de trabalho e trancamento de matrícula, conseguiu formar-se em 1957.

Nessa época, residia com os familiares no bairro Carlos Prates, e visitava as colegas que moravam na sede do internato da Escola na Rua Professor Estevão Pinto, e, posteriormente, na Cruz Vermelha.

Durante o curso fez estágios no Hospital São Vicente de Paulo, hoje Hospital das Clínicas da UFMG, que segundo Enny “ ficava quase por conta de aluno”; no Hospital Eduardo de Menezes e no antigo Pronto Socorro, hoje Hospital Maria Amélia Lins. Nesse período, a EECC foi dirigida por Rosa de Lima Moreira e pela Irmã Catarina Fiúza.

Iniciou sua vida profissional, como enfermeira, trabalhando em um hospital infantil. Prestou concurso público passando a trabalhar junto ao Instituto dos bancários (IAPB), em ambulatórios com o antigo SANDU. Conseguiu licença com vencimento no Estado e fez curso de Administração em Enfermagem, na Universidade de São Paulo, e passou a supervisionar e organizar serviços de enfermagem do antigo INPS.

Cursou Direito, em Divinópolis - MG, especializando-se em criminologia e direito civil. Passou, então, a trabalhar na Comissão Permanente de Inquéritos do extinto INAMPS e, posteriormente, na Coordenação de Controle e Avaliação, fiscalizando hospitais. Além das atividades enquanto enfermeira, Enny relata ter trabalhado 20 anos como professora primária e 12 anos como advogada, aposentando-se em 1983.

Participou da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn-MG) durante a gestão de Marina de Andrade Resende. Foi segunda secretária na gestão de Clélia Pinto. Exerceu a presidência dessa entidade por dois mandatos.

Enny diz que sempre foi muito vaidosa, não dispensando um batom, mesmo tendo que retirá-lo para responder a chamada, nos tempos vividos como aluna na EECC. Após a aposentadoria passou a comercializar perfumes fabricados em sua residência.

Considera que a enfermagem foi muito importante na sua vida, o que lhe deu condições para ajudar muitas pessoas com os conhecimentos adquiridos.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

Referência à sua infância e a formação escolar; os incentivos de professores para ingressar na escola de enfermagem; seu trabalho como professora primária; a seleção e as reprovações na escola de enfermagem; as dificuldades da Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC) enquanto anexa à faculdade de medicina; as aulas dadas pelos assistentes dos catedráticos; os estágios no Hospital das Clínicas (HC) e os poucos funcionários; o estágio na maternidade; os plantões de fim de semana; a previsão de casamento da irmã Inês; o relacionamento das alunas com os médicos e funcionários do hospital; os estágios em outras clínicas e as instrutoras/supervisoras; a morte dos primeiros pacientes; o choro frente a doentes graves; os uniformes e os estágios em saúde pública; sua relação com o internato; a “Coramina”.

FITA 1 LADO B

A irmã Fiúza; a vida no internato e as transgressões; os plantões de fim de semana; a solenidade de imposição de insígnias; o uniforme ;a participação no congresso de enfermagem em Belo Horizonte; a relação da Escola com a Faculdade de Medicina; a relação com o diretório acadêmico da Faculdade de Medicina; a greve dos estudantes; a relação com as alunas da Escola de Enfermagem Hugo Werneck; o relacionamento com as alunas e funcionários do internato; o acidente com a irmã Fiúza; a viagem ao Rio de Janeiro na Coramina, a rigidez da irmã Regina; a turma de 1956 e a transferência para Juiz de Fora; a formatura; a amizade com a sobrinha da D. Izaltina; o paraninfo imposto; a vistoria antes do estágio pela irmã Inês;

FITA 2 LADO A

O trabalho no primeiro hospital pediátrico de Belo Horizonte; sua experiência como aluna em pediatria; a relação com as alunas da EEHW; o concurso do DASP e a briga para tomar posse; as dificuldades após tomar posse; a ajuda de Clélia Pinto para concessão de licença com vencimento; a revolta por ter tomado bomba em música quando fez o curso normal; a maior vingança de sua vida; a experiência no SAMDU; a pós graduação na USP; a experiência no SAMDU; o curso de graduação em Direito; a experiência enquanto advogada; o trabalho na fiscalização de hospitais; sua experiência na ABEn MG e as dificuldades financeira da entidade.

FITA 2 LADO B

Alusão à construção da sede da ABEn Central; o congresso de enfermagem de 1972 em Belo Horizonte; a fábrica de perfumes que abriu após aposentadoria; a tentativa de criar centro de estudo na ABEn; o motivo de não participar do congresso de enfermagem de 1984; a sua ajuda aos doentes quando trabalhou no SAMDU.

FITA 1 LADO A

Valda: Enny o seu nome completo?

Enny: Enny Ennes.

V.: Você nasceu onde e quando?

E.: Eu nasci em Itapecirica - MG, no dia dezoito de dezembro de 1928.

V.: É...fala um pouco prá gente dessa, da sua infância, desse período em Itapecirica, dos seu pais.

E.: Bom, eu, eu fiquei em , morei lá só acho que até quatro anos, cinco anos. Mas freqüentava muito né meus avós eram fazendeiros, meu pai professor e depois ele resolveu vir para Belo Horizonte [BH], e a gente até voltou algumas vezes para lá. E lá eu tenho assim muita lembrança agradável de fazenda, de, eu sou a filha... a outra minha irmã tem cinco, eu sou mais velha que ela cinco anos; então eu era muito só dentro de casa, né e adorava assim... ir para a casa dos avós, isso toda criança gosta, né. E aí depois nós viemos para BH, moramos aqui um tempo meu pai resolveu voltar para ajudar o meu avó na, na fazenda que meu avó negociava com gado, mas aí ele não...aí ele não se adaptou mais, aí nós viemos para BH e ficamos aqui. Esse tempo todo, aliás toda vida, né.

V.: Você fez o...estudou aqui então?

E.: Estudei aqui. Desde o curso primário, eu estudei no Grupo Escolar Bernardo Monteiro, lá no Calafate (bairro de BH) a gente morava lá, e depois eu fui para o Instituto de Educação, e fiz o curso de professora, né, magistério é que naquela época falava, né. Então depois é que... quando eu terminei o magistério, eu queria fazer Direito. Eu estava muito assim, entusiasmada com uma professora de sociologia que eu tinha, pessoa muito inteligente, pessoa excelente. Então eu tive muita sorte, só tive professores bons, sabe. Eu, eu hoje fico pensando, vejo todo mundo reclamar assim, falo: gente eu tive sorte de ter essas professoras.(Barulho de trânsito). Essa eu me esqueci o nome dela, mas eu tive a Dona Carmen de Melo que era professora de Geografia, era poeta. Era uma coisa linda, era umas aulas maravilhosas, e aquelas poesias e aquelas coisas todas. Depois já no curso de formação, isso no ginásio, né. Quando foi no curso de formação, eu tive também dois professores excelentes, foi o meu professor de biologia - será que era Biologia, agora não me lembro - que foi Dr. Henrique Portugal e Dr. Armando que era Secretário de Saúde, pessoa que gosto muito, mas o sobrenome eu não me lembro. E essas duas pessoas me influenciaram a fazer enfermagem, que eu tinha muita facilidade

assim...e o aluno que tem facilidade geralmente o professor tem assim uma atenção ou qualquer coisa. E Dr. Henrique Portugal então... nessa época eu já era professora.

V.: Você chegou a trabalhar como professora?

E.: Trabalhei vinte anos como professora.

V.: Primária.

E.: Primária. E então eu fui chamada por uma pessoa, uma pessoa me encontrou na rua de uniforme e me falou assim: “Você gostaria de lecionar?” falei: “Não, eu estou no segundo ano ainda, segundo ano de formação”. “Não tem importância, eu não arranjo professora prá lá. Professora formada não vai para lá. Era um bairro que eles tinham feito conjunto residencial, é o Salgado Filho, antigamente chamava-se Mato da Lenha

V.: Mato da Lenha?

E.: É. Aí eu conversei lá na minha casa, e conversamos o horário e deu certo e eu fui trabalhar lá. E estudando aqui no Instinto, lá eu trabalhava pela manhã, estudava no Instituto à tarde. Então, e com esse negócio eu querendo fazer, o ensino era ruim, latim, menina. Você precisa ver. Não aprendia Latim, o curso de Direito, não era esse vestibular, mas era uma prova e o Latim era o principal, né. Eu pelejava com aquelas conjugações mas não dava certo sabe? Meu professor também era muito bom, eu não lembro mais o nome dele mais, ele era de Fomiga - MG - pessoa assim do interior, muito meiga, aquela coisa toda, mas não adiantava, eu não aprendia o Latim.(risos) Aí, depois Dr. Portugal começou a falar comigo, e escreveu uma coisa muito bonita para mim, prá fazer enfermagem, ele era professor da Escola, né. E, eu falei: Ah não, agora não.” Como eu fui nomeada imediatamente no primeiro concurso que eu entrei, eu falei agora não tem jeito, né. Aí ele falou “Eu arranjo umas licenças para você”. Aí eu vim matricular na Escola, aqui também não era vestibular, né. A gente fazia uns testes psicotécnicos e tinha uma, uma prova de conhecimento gerais. Eu não me lembro quantos dias cada um, eu acho que era uns cinco dias prá fazer essas provas.

V.: Você se lembra em que ano que foi isso, quando?

E.: Cinquenta e três...eu me formei lá [no Instituto de Educação] em cinquenta e dois, foi em 1953. Aí eu vim aqui na Escola era o último dia (riso)de fazer matrícula, no Hospital São Vicente, né. Aí consegui ainda fazer a matrícula no dia seguinte, eu não sei se haveria mais, eu sei que foi próxima, não deu tempo de ler, de fazer nenhuma assim, nenhum preparo. Nós fizemos essa prova, aí fizemos a prova, houve muita reprovação passaram...poucas, poucas meninas, foram poucas alunas que passaram nesse teste. O teste é que derrotou mais.

V.: O psicológico?

E.: É. É naquele tempo falava psicotécnico.

V.: Psicotécnico.

E.: É, e então, era o SOSP [Serviço de Orientação e Seleção Profissional] que tinha se instalado no Instituto de Educação mesmo. Havia uma parte lá que estavam instalando e chamava SOSP, e então nós fizemos essa prova houve muita reprovação, eu não me lembro o número certo, provável. Porque depois vieram uns da Hugo Werneck e umas de fora também que se agrupou.

V.: Durante o curso?

E.: Durante o curso Aí eu fiz enfermagem e vi que não dava o meu horário com a escola, com o grupo né. Aí eu tranquei a minha matrícula no ano seguinte eu consegui trabalhar à noite, mas as diretoras não gostavam, que a gente era nova, dá aula, aquelas classes de 40 alunos, né. Operários, eram homens, mais homens. Então, as diretoras não gostavam de gente nova não, queriam já aquelas professoras mais idosas. Mas, eu fui dando um jeitinho, passando daqui, passando dali...deu certo, tirei algumas licenças fiquei a disposição do Gabinete do Governador, no tempo do Dr. Clóvis Salgado, é...do Secretário de Saúde, fiquei a disposição; mas uns três meses eles não davam muito tempo não. Era assim, com se fosse descansar, né. Então com isso eu consegui fazer o curso.

V.: Como é que as pessoas reagiram, quando você resolveu fazer enfermagem, sua família, os amigos?

E.: [Choro] No dia em que eu saí, na hora que eu saí para a escola de enfermagem, foi um caso sério.[inaudível].

V.: Já é falecido?

E.: Um-hum.

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO]

E.: A Escola, era muito difícil chegar aqui, às sete horas tinha que estar [riso] uniformizada para responder a tal chamada, né. E eu gostava muito de pintura, sempre gostei de andar “empetecada” sempre gostei. Sempre gostei de andar “empetecada”, agora que fiquei velha, sabe. [risos]. As freirinhas, sempre tinham que tirar o batom, para responder a chamada.

V.: Quem era a diretora da época, você se lembra?

E.: Na época dona Rosa de Lima estava, ela estava, a gente não tomava muito conhecimento. Não sei se era substituindo, ou interina, não estou. Essa parte administrativa, a gente não tomava.

V.: Um-hum.

E.: Porque foi, eu entrei...em cinqüenta em três estava aquele negócio, vai ficar na Faculdade, não tem verba, não sei quê, aquela coisa toda. Aí depois ficou, acho que anexa a Faculdade de Medicina, né. Posteriormente, que eu não sei o que houve, ela se tornou independente, não foi assim?

V.: Foi, em 1968.

E.: É, foi isso. Então nós víamos, e eu achava aquilo bom. Pensei (inaudível) e quanta coisa que falava de enfermagem, de enfermeiro de não sei o quê, e eu nem estou aí, sabe. Nem queria saber.

V.: O quê que eles falavam?

E.: Muita coisa, parte moral, né, trabalhar com homens, né, não sei o quê, ficar nos corredores escuros com os homens, não sei o quê que tem, umas coisas assim grosseiras, né. Então,, isso era coisa que entrava aqui e saía ali. E eu cada vez mais entusiasmada com a Escola, com a programação, com as colegas. Os professores eram bons, uns que não tinham muita capacidade.

V.: Dentre os professores da Medicina ou da Escola?

E.: Da Escola. O, os assistente é que davam aula, não sei. Acho que constava o nome do catedrático, naquela época era catedrático, agora mudou essa...coisa toda. Então os assistentes geralmente é que davam aula e o catedrático aparecia de vez em quando, uma vez ou outra dava uma "idazinha" lá.

V.: Dentro desses assistentes alguns é que não eram bons professores?

E.: Não, os professores a maioria eram bons. Mas havia uns por, por falta de experiência ou por qualquer coisa, que a programação eles passavam assim...de leve, sabe como? Por cima... comentavam, não tinha assim uma, uma rigidez na programação aquela coisa não, sabe. Então, mas era um pouco assim nesse estilo. Então foi passando isso cada vez ficou assim, agora houve uma coisa... isso eu posso falar aqui, não é porque o pessoal já morreu não, mas é... nós fomos usadas como funcionárias, porque logo inauguraram aquele primeiro pavimento do Hospital das Clínicas, e nos trabalhávamos, horário fixo, plantão por um domingo. O hospital ficava quase por conta de aluno, os funcio... eram pouco os funcionários, os funcionários entravam, entravam em licença, férias, e a gente é que fazia. Hoje não, no decorrer da minha

profissão, eu achei que isso foi valido, me deu, nos deu a todas nós, muita experiência. Nós tínhamos o o, não sei se hoje tem, nos tínhamos leito, enfermeira tinha leito na maternidade, né. Eu, eu lembro da maternidade porque eu não gostava de obstetrícia, e os meninos não nasciam. Eu não me lembro quantos partos que a gente tinha que fazer, mas é... me parece que eram doze, e estava vencendo três meses, a maioria eram, nos estágios, a maioria eram três meses em cada clínica. Quatro horas por dia, tinha instrutora...

V.: Um-hum. Da Escola?

E.: É. Enfermeira.

V.: Quem era instrutora na época de obstetrícia, você se lembra?

E.: De obstetrícia era irmã Inês.

V.: Bruzzi?

E.: Não. Ela foi, a Bruzzi foi antes de mim. A irmã Inês, vê se eu me lembro, ela tem um irmão que era padre, Padre [Agostinho] eu não sei se o nome dela era, era Maria... era... não a Inês era nome da comunidade, né?

V.: Sim.

E.: Então era irmã Inês, não sei agora o sobrenome. Hoje ela é casada até, então deixou o hábito, né? Então da maternidade era irmã Inês, muito minha amiga. Eu fiz a previsão do casamento dela. Era freira e eu sonhei que ela ia se casar...(risos). E ela dançou, acho que já tinha uns negócios assim mais ou menos, porque ela dançou na hora...(risos) e riu muito... e tudo. “ Irmã Inês, eu não sei o que aconteceu, eu sonhei essa noite que você havia casado... aí ela dançou assim, rodando e rindo... (Risos). Depois é que a Carmelita[Pinto Rabelo] me contou que encontrou com ela no aeroporto já casada.

V.: Casada mesmo.

E.: Mesmo. Onde é que eu estava?

V.: Você estava falando do, do, do estágio na obstetrícia...

E.: Ah sim, então eu tinha três leitos, e não... não nascia os meninos comigo. Porque nos fazíamos o parto normal, e os meninos nasciam de noite, de madrugada, depois que eu deixava o estágio, sabe. Então foi preciso uma colega, a Socorro, Maria do Socorro Ferreira, acho que foi ela mesmo. Ela me cedeu uns partos...

V.: (Risos) Para você cumprir a sua tarefa...

E.: Se não eu teria que ficar mais de noventa dias lá, no estágio de obstetrícia. Então, eu me lembro de uma senhora, até fui madrinha do menino dela, uma pessoa muito simples do interior, que ela veio porque ela já tinha tido não sei quantos filhos e todos morriam no sétimo

dia, né. Então ela foi trabalhar em uma chácara de um médico, e ela então veio para cá antes da criança nascer, e ela ficou no meu leito, né. Eu falava: “Oh meu Deus será que esse menino vai morrer? Eu já não faço parto, esse menino ainda vai morrer?” Ficava naquela coisa! Aí nasceu a criança e tudo, depois ela, nós batizamos no hospital mesmo, a gente ficou muito amiga porque ela ficou oito dias ainda, e a criança não nasceu comigo, aí, nasceu de madrugada. Ela disse assim: “Ah dona Enny eu segurei o máximo para esperar a senhora chegar mas...”

V.: Não teve jeito. (Riso).

E.: Não teve jeito. Então tinha umas coisas assim. E, é, era obstetrícia que eu não gostava.

V.: E o que você gostava?

E.: Ah, eu gostava de pediatria, cirurgia, ortopedia, foi o que eu mais trabalhei, né. E depois na vida profissional foi mais prontos de urgência.

V.: Um-hum. É...

Geralda.: Como que era o relacionamento das alunas com os médicos, com os funcionários do hospital, nessa época que você diz que vocês praticamente trabalhavam direto, tinham plantão, com que era?

E.: Excelente, né. Porque era uma mão de obra, é, é, era uma ajuda que elas tinham, né; que os funcionários tinham. Nunca tive problema, nunca vi esse problema não. As vezes alguém falava de longe: “E fulana é chata, protegida da irmã tal...” Tinha problema das proteções, as irmãs tinham que colocar o pessoal da comunidade, pessoal não preparado, naturalmente não tinha diploma. Porque exigia, teve aquele... fizeram o cadastramento do pessoal aí tudo, né. Então havia pessoas que não tinha, não tinha diplomas e não podiam assumir, mas assumiam como chefe da enfermagem.

G.: As freiras?

E.: As freiras. E algumas, acho que não tinham assim, curso. Mas também não me lembro quem.

V.: Você se lembra da irmã [Teresa] Notarnicola no hospital?

E.: No hospital não. Ela veio depois, eu já tinha saído. O... eu não sei se, não tinha saído sim. Acho que ela veio logo depois que eu saí.

V.: Um-hum.

G.: Além do Hospital São Vicente nesses estágios lá, quais outros locais que vocês faziam estágios?

V.: Ah, fala, dona Enny...

E.: Dona Izaltina, e...

E.: Nós fazíamos aí, era o Hospital São Vicente, né; a parte do Hospital das Clínicas que logo inaugurou, o hospital ...aquele de, sanatório, tinha um sanatório lá no Barreiro[bairro da grande BH] como é que ele chamava? Hoje é...

V.: Eduardo?

E.: Eduardo de Menezes.

V.: Eduardo de Menezes.

E.: Que mais, a gente fazia?

V.: Pronto Socorro?

E.: Pronto Socorro, não fazia não. Ele era pequenininho ali no [Hospital Amélia Lins, né. [hospital da rede FHEMIG], deixo ver, tinha outro...será que nós fizemos no Júlia Kubitschek, não no Júlia não.

V.: Nenhum estágio fora de BH?

E.: Não.

V.: Fala como que era um pouco mais esse estágio, a relação, quem... tinha supervisora?

E.: Tinha, quase todas. Não era todas, por exemplo: neurologia, não tinha supervisora, era uma freirinha lá que fazia crochê, é... (Risos). Maternidade, era com irmã Zoé... com irmã Zoé, muito competente, depois acho que ela foi para São Paulo para o hospital...como é que chama aquela maternidade que tem lá, que nasce vinte por hora? Uns nomes assim que eu me esqueço, mas eu...

V.: Não tem problema.

E.: Irmã Zoé na ginecologia; irmã Luiza na cirurgia; irmã Bernadete na urologia; na clínica médica do Professor Cansado, era dona Rosa de Lima; na pediatria, era irmã Ana, ortopedia e pediatria infantil era irmã Ana; dona Maria do Rosário [Barros], era a... era da Escola, era professora da Escola, né; essas outras não eram não. Depois veio para a ginecologia, saiu essa freira veio a... a irmã ... a irmã Inês que ficou, ela tinha, ela era enfermeira. Deixe eu ver mais onde que era. Oftalmologia, nós fazíamos no [Hospital] São Geraldo [faz parte do Hospital das Clínicas] ah... não tinha supervisora; otorrino, era irmã... ela hoje deixou o hábito, mas acho que ela trabalha na...hum, gente ela viajou tanto comigo, ah depois eu me lembro o nome dela. Essa também era professora de enfermagem de otorrino, sabe?

V.: E como é que era...

E.: Dona Izaltina [Goulart de Azevedo]...

V.: Ah, fala, dona Izaltina?

E.: Dona Izaltina, eu já falei, né?

V.: Não.

E.: Que era... doenças transmissíveis, mas ela era supervisora da cirur... da clínica cirúrgica.

V.: No Hospital de Clínicas.

E.: É. E tinha uma enfermeira na sala de operação que era [Aninha] que era funcionária. Também ela dava orientação às alunas. É Sebastiana de Oliveira que ela chama.

V.: Algum, as alunas mais adiantadas acompanhavam as alunas mais novas, não? Nessa época não?

E.: Não. Porque elas também assumiam outras áreas.

V.: Hum, cada uma ficava no seu setor.

E.: É, às vezes eram duas em cada setor; uma, duas em cada setor.

V.: Algum paciente especial Enny?

E.: Como seria?

V.: Que marcou você enquanto, no tempo de estudante, alguma coisa que aconteceu?

E.: Aconteceu um negócio comigo... havia um paciente idoso e estava com... não sei se era hepatite, eu tinha pavor de hepatite e tuberculose também. E tinha horror de trabalhar com tuberculose. E hepatite, não sei porque, se foi por causa desse paciente. Eu estava no plantão no dia de domingo, e ele estava muito mal, a família estava no corredor, esperando o falecimento dele. E passou a hora do meu plantão e eu falei: eu vou ficar, porque eu nunca vi uma pessoa morrer, e muitos naturalmente vão morrer comigo e eu quero saber minha reação. E fiquei, e fiquei, e fiquei...o paciente não falecia. Aí eu desci e fui trocar o meu uniforme, era no hospital... aqui agora é [Ambulatório] Bias Fortes [unidade do Hospital das Clínicas] né; era uma clínica neurológica que havia... fui lá trocar o uniforme e voltei, quando eu soube o paciente já tinha falecido. A irmã já estava preparando o corpo.[bocejo]. Então eu fiquei, menina, acho que foi por causa disso que eu fique com medo de hepatite, você sabe? Quando eu via a pessoa com hepatite, eu tinha horror.[riso].

V.: E quando que morreu o primeiro você se lembra?

E.: Esse outro, aí eu já era funcionária... Eu tinha umas coisas também, que eu não sei se é bobagem...[riso]. Hoje não usa isso, né. A gente, eu andava com um terço no bolso, porque a hora que morresse para botar em baixo [riso].

V.: Na mão do paciente...

E.: Na mão do paciente, porque geralmente estava com oxigênio, não podia por vela...

V.: Hum...Usava é por velas, né?

E.: É. O pessoal punha vela, quer dizer, era uso botar vela, principalmente em residência, né, para o paciente não falecer no escuro, sabe, então lá no hospital eu fazia isso. E o doutor Luís Garcia Pedrosa ria de mim, e eu chorava... aí isso, eu já era profissional.

G.: Por que que não podia morrer no escuro?

E.: É, acho que era questão religiosa, sabe. Sei lá, são costumes, sei lá o que que era, eu mesmo não sabia o quê que era. Mas quando os meus pacientes estavam graves eu chorava... eu trabalhei no Pronto Socorro Infantil, ele foi o primeiro pronto socorro infantil, que abriu aqui em BH, então eram meus professores, logo me chamaram para trabalhar para lá e... chegando lá, quando meus pacientes estavam graves eu chorava, chora... ia para o banheiro e chorava, chorava e pintava o rosto outra vez; aí, quando eu saía, e o Luís Garcia era muito meu amigo, ele era muito brincalhão, né, então ele falava assim, aí quando ele me via saindo do banheiro, ele falava: “Já foi chorar, né?” [Risos]. “ Não, eu não chorei.” “ Ah, não chorou o quê, está na cara.”

V.: [Risos]. Enny, voltando um pouquinho, como é que era o uniforme, no tempo de aluna?

E.: O uniforme era um chemise de fustão, né; e um avental que você usava “cortezinho” assim, ele era godê, abotoava atrás, era um “peitinhozinho” assim, só isso.

V.: No hospital?

E.: No hospital.

V.: E o estágio em saúde pública?

E.: O estágio em saúde pública... tinha um negócio, eu acho que era uma saia azul, acho que era um conjuntinho azul, agora eu não me lembro. Era dona Carmem Gonçalves, nossa professora. Era, foi professora da [Escola] Ana Neri, e depois veio para cá. Então a gente visitava, era, eu acho que era um conjunto azul, sabe.

V.: E onde que eram os estágios, você se lembra?

E.: Ah, nas favelas, né; nos bairros; nos orientávamos pelo Centro de Saúde aqui, pelas fichas, o trabalho lá, tinha dona Rute que era chefe do serviço de enfermagem lá, então a gente era orientada por ela.

V.: Enny você morou no internato?

E.: Não.

V.: Qual a relação que você tinha com o internato?

E.: Ah, não posso falar.

V.: Ou com as meninas do internato?

E.: Aqui, né, não.

E.: Ah, era perfeita. A, a gente se dava muito bem, porque elas vieram de fora, não é? E todo mundo assim precisando né, de ter um amigo, uma coisa assim... eu me dava com todos, eu me dava muito bem. E... elas vinham de Coramina tinha uma a, a... lendária Coramina, que traziam as alunas, então as prelis [de preliminar] que eram as novatas tinham que vir primeiro, por causa do horário e as... segundo e terceiro ano já vinham mais tarde.

V.: Mais tarde...

E.: Podiam levantar mais tarde. Porque tinha que dar não sei quantas viagens, né que morava na Serra [bairro de BH] em uma casa muito boa, e lá fazia festa de vez em quando, sabe?

V.: Você não sabe onde que era esse internato na Serra, em que rua?

E.: Sei essa casa que eles fizeram agora, até reformaram, parece quer é um centro cultural.

V.: Na Estevão Pinto [rua do bairro da Serra]

E.: Na Estevão Pinto 700...

V.: 601.

E.: 601, é.

V.: Ainda era, o internato era lá essa época de 60 ?

E.: Não, 60 não.

V.: Não, 50 desculpe-me.

E.: 50 era, era. Porque até nosso trote foi lá. Houve uma festa....

V.: Trote, conta para a gente como que é isso?

E.: Pior de tudo é que convidavam todos os internos, a gente tinha um relacionamento muito bom com os internos, sabe. Convidavam todos os internos...

V.: Os internos eram os médicos? Estudantes de medicina?

E.: Eram residentes. Então convidavam e faziam uma festinha e a gente tinha que dançar, umas brincadeiras assim comuns. Tinha que dançar tinha que equilibrar uma folha... como é que era, uma folha... não era no nariz não, onde é que era? Era uma coisa assim sabe, eram brincadeiras desse jeito, e a gente morrendo de vergonha, porque tinha gente que a gente ia trabalhar junto ali, né. Tinham uns desfiles umas coisas assim, né. Brincadeira mesmo assim... coisa bobinha, mas que a gente ficava toda desapontada. [Risos] E, eu lá no internato eu nunca dormir não. Mas nesse aqui, quando dona Izaltina levava as alunas para o DCE., né; [Diretório Central dos Estudantes] então ela levava, esperava a gente dançar e depois trazia. Às vezes, eu dormia aqui na Escola, com as meninas.

V.: Onde que era?

E.: Aqui, no...nesse hospital...

V.: Na Cruz Vermelha?

[FINAL FITA 1 LADO A]

FITA 1 LADO B

V.: Continuando...

E.: Para receber as visitas, os namorados...

V.: Dentro do internato?

E.: Dentro do internato.

V.: Hum.. Quem morava no internato, você se lembra, além das alunas ?

E.: Freiras, né; dona Izaltina, acho que ficou uns tempos lá... é acho que...

V.: Nessa época era a Irmã Fiúza, que era Catarina Fiúza que era diretora?

E.: Não. Ah, era irmã Fiúza sim, irmã Fiúza.

V.: Como que era irmã a Fiúza?

E.: Ela era muito brava. Todo mundo tinha assim, respeito dela. Quando ela passava, sacudindo aquela saia...aí, Ufa! Mas não era, ela não tinha, bom., não sei se não haviam problemas sim, ou se haviam problemas e eles eram tão assim, sutis...resolviam tão sutilmente, que não... a gente não tomava conhecimento, sabe?

V.: A,...as internas não comentavam com você que era externa?

E.: Não, de vez em quando comentava, mas não assim, comentavam as coisas de alimentação, né. Aquelas, aquelas brincadeiras que elas faziam com a Jojoca, né. Porque a Jojoca também era assim, né.

V.: Ah... e que tipo de brincadeiras elas aprontavam, faziam com a Jojoca?

E.: Ah, elas roubavam; né, e faziam que tinha e falavam que tinha...como é que é: Um conto dá meia-noite. Como é que era o negócio, tinha um nome, até foi uma minha colega... Elas roubavam na dispensa, eu comi muito, quando eu chegava da, do estágio de saúde pública, eu comi muito doce de leite, banana cozida, tudo roubada da...

V.: Da dispensa...

E.: Da dispensa. Roubaram também uma vez aí, na Clínica Pediátrica, que tinha uma freira que fazia doce para os médicos e roubaram o armário, e a Faculdade inteira ficou sabendo...né, que o pessoal do terceiro ano invadiu o armário, eram tortas e doces e não sei mas o quê, né.

V.: Só para os médicos...(riso)

E.: Aí elas ficavam por conta, porque a Faculdade inteira sabia.

G.: E as punições?

E.: “Você é do terceiro?, Você é do terceiro? Você é do terceiro?” Não o que quê foi? “Vocês não invadiram aí a... pediatria aí e roubou os doces dos médicos?” Mas eu acho que estava fazendo era gozação.

V.: Ham... e o que aconteceu com essas alunas?

E.: Nada. A freira foi embora.

V.: A que fazia os...

E.: Foi embora de um dia para outro.

V.: Que estranho! [Risos].

E.: Desapareceu. Ah, cadê fulana de tal? “Ah, ela foi embora”. Depois nos...aí saíram duas, pediatria e ortopedia, aí depois as colegas encontraram com elas na praia de Copacabana [na cidade do Rio de Janeiro].

V.: As freiras, as ex freiras.

E.: Mas essa lá, custou muito a descobrir. As irmãs ficavam de plantão, sabe. Ah é na boate, a boate não sei o quê. “Fulano você hoje vai a boate tal?” Pelos os corredores, sabe. Mas elas iam lá pegavam, elas fizeram a chave da dispensa e tiravam algumas coisas lá, que a Jojoca deixava perder. E eu tinha, nos tínhamos uma colega, que ela veio do Rio de Janeiro, e ela ficou... foi transferida e ela ficou fazendo matéria com terceiro ano, e com o segundo e o terceiro. Mas ela no final, ela teve muito tempo, e ela ficava na janela, e ela sabia o que chegava no caminhão. Ela falava: “Hoje chegou, tem isso, isso e isso.[risos]. Aí falava: “tem a boate não sei o quê...” e o pessoal ia. Mas acontece que teve uma colega minha, ela era muito tímida e ela não sabia convidar, e ela resolveu ir nesse dia. Mas aí, eu tive uma crise de riso, o residente, naquele tempo falava-se interno, o residente dormia no quarto em baixo, e ele ouviu o riso dela. Aí com certeza acordou e ouviu o barulho daquele povo de sacola a correr. Porque era no segundo andar o internato, né; os quartos.

V.: Na Cruz Vermelha?

E.: O apartamento, é. E lá em baixo era a cozinha assim, do lado, tinha o corredor a dispensa e o quarto do médico era por aqui, não sei.[risos].

V.: Então você não se lembra de nenhuma punição às alunas por alguma coisa mal feita, digamos?

E.: Não. Assim, que nós tomássemos conhecimento. Eu nunca tomei conhecimento de nenhuma punição. Mas, sabe, era todo mundo, muito obediente viu? A gente achava ruim, esse negócio de plantão domingo, né; de quinze em quinze dias, um plantão domingo, né. E, e,

e...essas quatro horas ali no estágio, né; e a instrutora, chamava acho que era instrutora, a instrutora lia assim : “Não é quatro banhos hoje para você”, (som de régua batendo na mesa) ginecologia, é oito banhos no domingo. Então aquele negócio, e ninguém... se rebelava não, você entende, todo mundo achava, quer dizer, na época nós achávamos ruim. Eu pelo menos, achei que foi ótimo para mim, porque depois eu saí com uma destreza que... de fazer tudo, de desenvolver tudo, não é; de tomar decisões, porque eu fui trabalhar sozinha.

V.: Hum. É... como é que as meninas faziam, assim para sair, para namorar além dessas coisas que você já contou?

E.: Tinha um horário de chegar. Não me lembro se era até nove horas, mas, também podia namorar na Escola.

V.: Na Escola...

E.: Tinha essa sala né. Era igual em São Paulo, também.

V.: E o período de férias?

E.: Isso é que eu não sei se eu fiz curso de quatro anos ou cinco, você está entendendo?...eu não lembro isso, porque nós só tínhamos quinze dias de férias.

V.: Era rápido, né?

E.: É. Quinze dias de férias por ano. Então, quer dizer, nós tivemos, eu não fiz essas contas não, né. Eram quase cinco anos.

V.: É, tinha alguma, na sua época, a imposição das insígnias, a braceira?

E.: Acho que você recebia a braceira só depois... a gente era preli, seis meses, depois de seis meses que a gente ia para a enfermaria. Aí você usava aquela braceira.

V.: Tinha alguma cerimônia para entrega dessa braceira?

E.: Acho que havia, deixe-me ver como é que foi isso. Era importante receber a braceira, você estava apta a freqüentar a enfermaria. [risos].

V.: Esse era o significado da braceira, das insígnias?

E.: É, era um passo, né; era uma distinção sim, era um passo a mais [risos].

V.: E sempre vocês usavam a braceira, ou tinha alguma ocasião que vocês tiravam assim, meio escondido?

E.: Não, não. Aquilo já era rotina. O que a gente também não gostava muito, era daquele chapeuzinho de bico assim, de usar rede, né.

V.: Aí tirava o chapeuzinho, a touquinha?

E.: Usava em enfermaria, né. Nas horas de aulas carregava na mão...

V.: Ah, tinha que levar?

E.: Tinha.

V.: E vocês iam para a aula de uniforme?

E.: É já ficava de uniforme, o dia inteiro.

V.: Sempre, o tempo todo?

E.: Tudo. Até quando as aulas eram aqui na faculdade, a anatomia, tudo você ia de uniforme.

V.: No seu tempo tinha a cerimônia da Dama da Lâmpada?

E.: Não.

V.: Não, né.

E.: Acho que não.

V.: É, a Escola participava de algum evento, vocês enquanto alunas participavam de alguma solenidade...religiosa, cívica?

E.: Não.

V.: Sete de Setembro?

E.: Não.

V.: Semana da Enfermagem?

E.: Semana da Enfermagem, sempre tinha assim qualquer comemoraçãozinha, né [som de trovoadas] mas, era entre Santa Casa, era... depois mais tarde o hospital, o Hospital Júlia Kubitschek, deixa eu ver qual outro, não era só isso. Não tinha muito relacionamento não.

V.: E os congressos enquanto aluna?

E.: Enquanto alunas nós não tínhamos assim, conhecimento não. Houve um aqui no, me parece que foi no ano que eu me formei que eu participei nesse, Marina... (inaudível)

V.: 1955, depois 60. [anos em que BH sediou Congresso Brasileiro de Enfermagem].

E.: 55, deixa eu ver...como é que foi esse congresso; eu formei em 57, acho que eu participei como aluna. Será que Marina Resende que era presidente?

V.: Era.[Em 1995 Marina Resende de Andrade era presidente da Associação Brasileira de Enfermagem[ABEn], sessão Minas Gerais; em 1960 ela era presidente da ABEn Nacional.]

E.: É, eu acho que eu participei desse congresso. Mas, eu me lembro eu e uma outra colega. Assim, do congresso. Não me lembro de todas não. Mas acho que houve permissão para ir, para freqüentar... parece que houve, não foi obrigatório.

V.: Você se lembra de alguma, comemoração do aniversário de escola, nesse período de estudante?

E.: Não.

V.: Nenhuma cerimônia.

E.: Não. Era um período, foi um período assim de muita luta, né! A faculdade não queria isso, a faculdade não queria aquilo. Parece que havia, a gente não participava não. Mas, parece que a faculdade não queria, quer dizer, os diretores não queria que a faculdade fosse anexada. Porque no meu tempo era anexada. Parece que...

V.: Não liberavam verbas...

E.: É me parece que houve muitas dificuldades...

V.: Tinha dificuldades...

E.: Me parece que tinha...

V.: E você se lembra da atuação da diretora da escola das freiras, se elas tomavam partido, que lado que elas estavam?

E.: Não. Não tínhamos conhecimento disso não. Eu sei que a irmã Fiúza, ela trançava muito na Faculdade de Medicina, com o professor Loide, mas não sei o porquê, mas devia ser para resolver algum problema da Escola, né. Acho que teve dificuldade de verba até para alimentação. Trazer, saiu lá da Escola, né, que era uma casa muito boa, trazia as meninas aqui, estava em construção. Esses negócios assim eu não participava.

V.: Já estava construindo esta sede nesse período que você estudou?

E.: Não, acho que não ...

V.: Cinquenta e seis cinquenta e sete, foi quando começou a...

E.: Não, havia uma conversa que a Escola seria aqui.

V.: Você não sabe como é que escolheram esse terreno...

E.: Não.

V.: Não. Essa história não passou. Oh Enny, e a organização estudantil, como é que era?

E.: Olha a gente pertencia ao D.A. da faculdade.

V.: De medicina?

E.: De medicina. Eles nos receberam muito bem. Tinha uns, uns meia dúzia, assim que não queriam. Porque era anexada a faculdade, então o D.A. tinha que ser. Houve greve naquela época, né.

V.: Por que?

E.: Houve greve... foi naquele período político, iniciou aquele período ... foi uma... sabe como? Foi uma *avan premier* do período político. Houve muito preso né, e tinha aquelas coisas, eu até não pude participar porque eu era funcionária, né.

V.: Depois de formada...

E.: A irmã Fiúza não queria, se eu participasse ela não daria o atestado para eu levar.

V.: Para o Estado, onde você era professora?

E.: Então eu tinha que entrar, era o quê, eu tinha que entrar e trocar a roupa, acho que na enfermaria. Eu não podia passar de uniforme.

V.: Porque os alunos não deixavam por causa da greve?

E.: É. Eu tinha que trocar a roupa, acho que foi no Hospital São Geraldo, é. Não podia, mas não era só eu não, parece que tinha umas duas também. Então nós não podíamos circular de uniforme. E teve essas coisas, [inaudível] que comandava e depois ele sumiu e já está aqui de volta.

V.: É, todas as alunas faziam, fizeram isso para fazer o estágio ou só você que era professora, que tinha que cumprir a carga horária e não aderir a greve?

E.: Não, as outras acho que aderiram sim. Aderiram, mas foi rápida, essa me parece que foi rápida, não foi?

V.: Como que era a relação das alunas da Carlos Chagas com as alunas da Hugo Werneck ?

E.: Havia assim um (...) o relacionamento pessoal era bom, mas havia assim, sabe, qualquer coisa contra a Hugo Werneck. Achavam que ela era menos preparada, que as alunas eram menos preparadas, sabe. Eu tive até, acho que três colegas, três ou quatro que vieram transferidas de lá. Aí já começou aceitar, a faculdade já começou aceitar transferência. Então, porque as meninas perdiam aqui na Escola e iam para lá.

V.: Transferiam daqui para lá?

E.: Não, elas prestavam aqui, não passavam e iam para lá.

V.: E passavam?

E.: Passavam.

V.: Na seleção?

E.: Na seleção. Então havia um negócio assim que o pessoal de lá era preparado e tal. Mas o relacionamento pessoal [barulho de janela batendo] de aluna para aluna, mas isso custou a desaparecer.

V.: Durante muito tempo...

E.: Muito tempo constava, a Escola era fraca.

V.: Tinha funcionários no internato apesar de você não ser do internato?

E.: Tinha.

V.: Como que era o relacionamento com elas?

E.: Não estou me lembrando.

V.: Ela caiu da Carlos Chagas?

E.: Eu ia muito pouco ao internato, às vezes eu ia almoçar lá, sabe. Mas era muito pouco. Era a Jojoca, né, me tratava bem, ia de vez em quando, né; e outros funcionários não tinha não. Tinha o seu... o chofer da Coramina, vê se eu me lembro o nome dele...

V.: Geraldo?

E.: Será que era Geraldo? Nós fizemos uma viagem ao Rio de Janeiro com ele, muito simpático, tinha muita paciência com as meninas, sabe? Ficava pitando, pitando...

V.: Ele era marido da Zulmira [Chaves Campos]?

E.: Não.

G.: Da Íris [Soares de Oliveira].

V.: Da Íris.

E.: Da Íris, é. A Íris era...

V.: Funcionária.

E.: Simpática, toda coisa. Mas Zumira é uma outra que sofre, sofreu muito, né.

V.: Por que?

E.: Porque, um filho que era, ela já faleceu né?

V.: Um filho dela que participou da revolução, né?

E.: Oh gente vocês não fumam não, né? Tem algum problema?

V.: Não. Beraldo...

E.: Beraldo.

V.: Beraldo que chama o motorista [da Coramina].

E.: É.

V.: Você falou que vocês foram ao Rio de Janeiro, por que, para quê?

E.: Nós fomos ao Rio, foi passeio só. Irmã Bernadete precisou. Me parece que irmã Bernadete precisou ir lá e escolheu umas pessoas para levar com ela. E nós fomos para o convento lá, da, do...Haddock Lobo

V.: Tijuca [bairro do Rio de Janeiro].

E.: Escola Haddock Lobo. Ficamos lá acho que uns três ou quatro dias, só um final de semana, a gente viajou com o seu Beraldo, ele era excelente.

G.: A senhora lembra do acidente com a irmã Fiúza? (...)

V.: Quando ela saiu da Escola, foi por causa de um acidente...

G.: A época seria em 57.

E.: Não estou me lembrando...

V.: Ela caiu da Coramina, né.

E.: Ah, foi mesmo! Logo da Coramina que ela foi cair. A coramina que tem que dar força! Não, agora me lembro sim, me lembro. Mas, eu não estive com ela assim, para saber como é que estava, ou qualquer coisa, não sei porque. Se eu estava fazendo estágio de saúde pública, não me lembro assim, sabe. Mas depois que ela caiu da Coramina...(risos). Mas irmã Fiúza trabalhou muito para Escola, sabe? Eu acho que ela trabalhou muito. Era enérgica, mas... trabalhou muito. Porque não só porque é enérgica, ou porque fulano não gosta, e não sei o quê. Você não vai falar mal, tem que ver as qualidades também, da pessoa.

V.: A Escola prestava algum serviço a comunidade nesse período que você foi aluna, alguma atividade junto à comunidade?

E.: Não. Só esse trabalho de saúde pública que nós fazíamos, de ir de casa em casa nas favelas, aquele negócio todo, mas era orientado pelo Centro de Saúde.

V.: Era curricular, né? Teve alguma desistência do curso?

E.: Teve.

V.: Você falou que poucas entraram, né. Na seleção algumas não passaram, e das que começaram alguém que parou ou interrompeu? Por que?

E.: Houve uma que teve problema. Eram duas irmãs, e uma teve problema respiratório, sabe teve problemas aí, saiu. E outra que nós ficamos, sofremos muito, ela apareceu com lepra seis meses antes de se formar.

V.: E aí?

E.: Aí foi embora, né.

V.: Ela foi, não terminou o curso?

E.: Não, fizemos tudo, aí fizemos tudo com a diretora, mas parece que a faculdade não aceitou. Ela foi internada no sanatório, era um sanatório aqui, agora é hospital lá, Santo Antônio, aqui perto.

V.: Em Sabará. [Município de BH] Na entrada de Sabará.

E.: Não.

V.: Cristiano Machado.

E.: Não. O Cristiano Machado acho que era de tuberculose. Será que o prédio, não. Cristiano Machado não é um... como é que chama?

V.: Marques Lisboa?

E.: Ah não, Marques Lisboa é que é [de tuberculose]. Então acho que é Cristiano Machado. Então ela foi para lá. Depois se casou lá com um paciente. Até um médico meu amigo me contou: "Sabe quem apareceu no meu consultório? Fulana, que foi lá com o marido, já tem

seqüelas.” E como é que ela está? Eu não sei como nós, não tivemos assim... o grupo não foi vê-la, sabe? Eu não me lembro, sabe? O grupo entrou em pânico, nós íamos todos os dias ali para o [Centro de Saúde] Orestes Diniz, para saber o teste como é que estava, como é que é isso, como é que é aquilo. E então por isso...

V.: Vocês não acompanharam?

E.: Não acompanhamos. Essa foi a que saiu, a outra saiu já no mesmo ano mesmo, ela não resistiu fazer. Ela tem uma irmã que é enfermeira que trabalha aqui na Cidade Industria [município de Contagem, próximo a BH] ela era enfermeira do INAMPS [Instituto de Nacional de Assistência Médica e Previdência Social], mas nunca mais tivemos contato. Deixa eu ver qual era a outra, acho que foi só essa.. Ah, teve uma também, a Nilza. A Nilza foi para São Paulo, eu acho que ela continuou o curso lá em São Paulo, ela era funcionária do Hospital das Clínicas.

V.: Algum aluno do sexo masculino, nem tentativa de entrar no curso, você sabe?

E.: Não.

V.: Por que será?

E.: Pelo menos no tempo que eu mantive na Escola e depois, não tinha vários alunos, não havia matrícula masculina não.

V.: E quem é que prestava a assistência de enfermagem aos pacientes masculinos?

E.: Nós. Aquele negócio, paciente não tem sexo.

V.: Vocês cuidavam, davam banho, sondagem?

E.: Tudo.

V.: Não tinha...

E.: A urologia tinha enfermeiros, sabe?

V.: Enfermeiros...

E.: Não, não, atendentes, né.

V.: Sim.

E.: A gente também acostumava falar, né, só a urologia.

V.: Havia algum estágio fora do currículo, alunas que trabalhavam em, fora as que, desculpe, as que eram professoras, algum trabalho extracurricular?

E.: Acho que não havia não. Eram poucas as professoras da Escola.

V.: Vamos falar da formatura Enny? Você falou que poucas começaram, quantas terminaram?

E.: Foram dezesseis, eu tinha até o retrato lá, eu não procurei nenhum retrato da primeira turma nossa, mas me parece que eram dezesseis, não tenho certeza não.

V.: Um grupo formou em março outras em abril, por que eram datas de formatura diferentes, você se lembra?

E.: Era tão engraçado, o negócio começava assim. Eu não me lembro o período como é que começava, mas... não me lembro desse período... A nossa turma formou toda de uma vez.

V.: Todo mundo junto.

E.: É.

V.: Elisa Leite e Regina Dias, foram da sua turma?

E.: Elisa foi, é essa que veio do Rio de Janeiro.

V.: Porque ela formou antes...

E.: Ela formou, ah porque ela fazia com duas turmas...

V.: Nós temos registrado o seguinte: Que em 1956, somente duas alunas se formaram, que são essas, Elisa e Regina, é por isso.

E.: Então é a irmã Regina; ah, irmã Regina.

V.: Regina Lima.

E.: Irmã Regina.

V.: Como é que era irmã Regina [risos]?

E.: Nossa Senhora, coitada! Tinha que tirar aquele hábito.

V.: Por que?

E.: Não dava para freira, não.

V.: Era muito sapeca?

E.: Não, brava, brava. A gente sentia que ela não vivia bem dentro do convento.

V.: Antes da sua turma, então teve um ano que não teve aluna? Só formaram duas em 1956?

E.: Ahm, foram transferidas, elas brigaram aqui, e por orientação da Marina [Andrade Resende], elas foram transferidas para Juiz de Fora (MG).

V.: A turma toda? Várias...

E.: Eram seis, acho que eram seis.

V.: Brigaram...

E.: Tinha Solange; a Virgínia, [Maria, Pinheiro] parece que fez... resolveu o problema aí; e elas foram para Juiz de Fora.

V.: Brigaram...

E.: Agora eu não sei... não sei também porque foi a briga, foi um desentendimento com a direção da Escola.

V.: Com a direção da Escola.

E.: Tinha que tirar o batom. E eu esquecia, passava em casa e chegava voando para trocar a roupa e chegar as sete horas pra subir aquela escadinha de madeira e está lá para ser revistada, né.

V.: Onde era a escarada de madeira?

E.: Era o Hospital São Vicente.

V.: Ah, sim.

E.: Tinha assim, tinha aquela escada de madeira e você subia, tinha a secretária.

V.: Quem que fazia a vistoria?

E.: Era a, a...secretária, que era irmã Inês nessa época.

V.: Irmã Inês.

E.: É, que fazia isso. “Todo dia atrasada heim Enny!”

V.: Qual que era o meio de condução que você usava?

E.: Era ônibus, né.

V.: Tinha ônibus?

E.: Tinha.

V.: Muito bem, vamos passar para outra fita?

[FINAL FITA 1 LADO B]

FITA 2 LADO A

V.: Segunda fita da entrevista com Enny Ennes, em 17 de outubro de 1997. Bom, depois da formatura você começou a trabalhar, onde?

E.: No Hospital Pronto Socorro Infantil.

V.: Onde era o Pronto Socorro Infantil?

E.: Na Av. Amazonas esquina com a rua Guajajaras, era um edificozinho assim...

V.: Sávio Nunes, hoje?

E.: Não, para cá. Ele é à direita, quando você vai a direita entra... tem um prédio cinza, logo a seguir, é ele. Era um hospitalzinho, seis leitos, oito leitos.

V.: Só?

E.: Particular.

V.: Sim. Como é que foi.

E.: Era o primeiro hospital infantil. Não se fazia em BH hidratação venosa... com criança, sabe? Então esses professores, foram cinco ou sete... era esse Luís Garcia; o Saulo; o Elmo; Dr. Batista; o Welerson, que era o pai de todos...

V.: [Riso]. Era o chefe.

E.: Dr. Adalton, todos obedeciam, não sei se hoje é assim, mas antigamente havia assim um professor, por exemplo, desliga aqui só um pouquinho...

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO A PEDIDO DA ENTREVISTADA]

V.: Você estava falando da sua experiência no Pronto Socorro Infantil, como é que foi trabalhar nesse hospital começando tudo?

E.: Olha foi muito bom, porque eu já trabalhava, os meus plantões eram aqui na pediatria. Não sei porque as irmãs me escalavam todo domingo para a Pediatria. Então já tinha assim...

V.: Experiência?

E.: Um pouco de experiência em Pediatria. Não só no estágio que a gente fazia que era três meses na Pediatria, três meses no pré, como é que é? Tinha uma enfermaria de crianças até um ano...

V.: Berçário?

E.: Não. Não é berçário da maternidade. Lactente.

V.: Lactário?

E.: Lactentes. Eram os lactentes, né. Então a gente [tosse], eu optava, quer dizer: três meses eu fiquei na pediatria, três meses com os lactentes, depois plantões. Então eu tinha assim muita, eu fiquei assim com bastante experiência em pediatria. E depois Dr. Luís não achou; não, era o Dr. Welerson quem fazia as contratações, ele que comandava. Então Dr. Welerson só conseguiu meninas da Hugo Werneck. Dr. Luís como era professor da Carlos Chagas, ficou assim, né: eu quero da Carlos Chagas e tal. Aí eu fui fazer um plantão lá, ele chamou a, a... Sebastiana, menina de Oliveira (MG), era uma criança que estava com tétano. E naquele tempo não tinha respirador, era você quem fazia a respiração, neném que tivesse problema você tinha que fazer com a mão. Então, menina, nós ficamos no plantão com isso. Aí ele me chamou para trabalhar lá. Eu lecionava também, mas lecionava à noite. Aí eu fui trabalhar lá, era urgência infantil, né. Tinha uma pequena sala de cirurgia, tinha uma sala de ortopedia e tinha seis quartos. Aí começaram a internar. Porque não tinha, BH não tinha; aí pôs um anúncio na

televisão, as mães brigavam na sala para internar os meninos. “Não eu cheguei primeiro, eu cheguei...”

V.: Todo mundo queria trabalhar?

E.: Aquilo era tudo só gente chique, só gente rica é que ia lá. Não é porque era tão caro assim não, sabe. Mas é porque era ...

V.: Uma coisa nova...

E.: Uma coisa nova e também particular, e naquele tempo haviam institutos (de aposentadoria e pensão) e. Então eu fui trabalhar; lá eu trabalhei cinco anos.

V.: Era boa a assistência lá?

E.: Era. Os pediatras eram bons, e tinham os médicos de fora também que internavam lá. Depois eles compraram esse Pronto Socorro, essa casa aqui na avenida Assis Chateaubriand. Aí nós mudamos para cá. Eu também apliquei as primeiras injeções de vacinas de, de paralisia infantil que eram importadas através do Banco do Brasil, e eles importavam. Dr. Elmo foi para São Paulo, trouxe as aparelhagens de fazer a hidratação venosa, e fazíamos a hidratação venosa. Aí ele, essa casa já era maior, já tinha mais conforto, assim, os apartamentos, a sala de cirurgia já estava é...feita. Então eu trabalhei cinco anos com eles, até que eu fiz concurso e fui chamada para... fiz concurso do DASP e fui chamada para o Instituto dos Bancários, IAPB; na época da revolução (1964). Estava fervendo. E lá era o foco, né. E eu não me adaptei lá. Primeiro era só atendestes, né.

V.: Era ambulatório ou hospital?

E.: Ambulatório. Eles tinham o Hospital Alberto Cavalcanti.

V.: Sim.

E.: Mas era só para tuberculose.

V.: Tuberculose.

E.: E eu fiquei desajustada, sabe? Primeiro que eu declarei que eu era, que eu lecionava, não é. Aí, não queriam me dar a posse; aí eu tive que arranjar um advogado, o advogado falou assim: “Então você não vai dar posse.” Então pressionou lá, a pessoa. Gente sem o menor preparo! Então tinha estourado o negócio, estava estourando, estava estourando; acho que um mês depois estourou esse negócio da revolução, né; que os bancários tinham um problema sério e (...) o dire...não era diretor não, era o delegado. Até hoje eu fico olhando assim para o céu, pensando...será? É o que estava encarregado de colocar veneno na caixa d’água de BH. Mas a gente não pode falar o que não sabe! Esses negócio, eu descobri. Então ficou esse fulano lá, sem a mínima competência. Ele..., “Meu filho mais está na constituição, o quê que é isso?” Ele

falava : “ Ah não, você não...” e vencendo o prazo, aí arranjei um advogado: “E você não vai dar a posse não! Então vamos fazer isso, isso e isso...e tomar às providências.” Ele falou: “Não, então fala com ela para vir aqui.” Aí ele me deu a posse em um dia, e no dia seguinte ele abriu um processo administrativo contra mim. Ai foi aquele negócio, aqui em BH, Brasília (DF), tive que arranjar advogado em Brasília e foi aquele negócio. E eu ganhei no tempo do Castelo Branco [general, presidente do Brasil], né. O dia que eu cheguei no escritório, o advogado me agarrou, me abraçou: “Dona Enny, nós ganhamos com o Castelo Branco... dona Enny, nós ganhamos com o Castelo Branco, ele respeitou a constituição!”

V.: Milagre, né !

E.: Esse também era (inaudível). Então, mas eu sofri ! Eles deixavam assim, (3 toque com o punho fechado sobre a mesa), a última hora vinham pedindo documento do, lá de Brasília, vinham pedindo documento, né. Relatório, [o quê que faziam, o andar], aqueles documentos que precisavam. Por exemplo: teria que, dentro de cinco dias; aí quando era no quarto dia à tarde, ela me chamava. Aí eu chegava lá assim... Aí eu comecei, aí piorei muito sabe, e comecei a ficar rebelde mesmo. Aí eu escrevia: recebi às tantas horas do dia tal, tal, entregarei às tantas horas... e tinha uns que tínhamos que bater em máquinas, não tinha computador, não tinha xerox, esse negócio todo; era difícil, né? Tinha que arranjar uma pessoa para bater para mim, pra arrumar tudo, e foi uma luta, de mais ou menos um ano. Falei: não agüento ficar aqui! A Dulce Mendes trabalha lá. A Dulce não, a Dulce se deu bem com todo mundo, amiga de todo mundo, e tal né. Eu fale [inaudível] e tinha um médico lá também, um pediatra, porque eles não eram nomeados, ganhava... a gente foi nomeada para o nível 18. Ganhava, como é que era? Não sei se era nível 17 e a gente ganhava 18, 18 contos. Como é que era, estou ruim das contas agora, dezoito mil reais, acho que era sim. E ele todo dia ia para minha sala, falar: “Que isso é um desaforo, porque eu estou aqui por que eu sou chefe da Clínica Pediátrica e não sei o quê e papará.” Então tá! Aí um dia eu falei com o chefe da Clínica, que era Ginecologista: “Ó doutor Gasparino, eu não estou agüentando esse homem aqui mais não! Qualquer coisa eu vou fazer com ele.” Aí ele mesmo fez: chamou ele lá dentro da sala, trancou e falou: “Aqui é minha clínica!” Eu estava na ginecologia, e eu saía da ginecologia e ia ajudar na pediatria, porque era muito pesado, aquelas meninas puxando, isso era ambulatório, né! Puxando, aquelas coisas todas. Então o material esterilizado, eu esterilizava tudo para elas, arrumava essa parte, e elas ficavam no arquivo. Eu não precisava, eu falava que eu podia ficar sentada lá lendo o jornal, porque o doutor estava de férias, né! Mas, eu não tinha temperamento, não. Aí, não me ajustei com ambulatório. Coisa tremenda. Aí eu falei: ah!

Quando eu ganhei esse negócio, eu falei: quer saber de uma coisa, eu vou fazer. Eu vou fazer um curso lá em São Paulo, vou fazer pós graduação. Outra coisa, eu sou uma pessoa de sorte, você sabe? Eu falo assim, tem dia que eu fico pensando assim: eu tinha tanta sorte, que as coisas davam errado para depois dar certo. Aí eu fui lá conversar. Aí já era outro que estava no lugar desse. E fulano tinha sido preso, já tinha ido para não sai onde, o substituto dele, já era outro. Um funcionário, depois eu conto o grau dele, [falando muito baixo] “Vou falar com o chefe, não, com o delegado, né”. “ Oi dona Enny, o quê que a senhora está querendo?” Ah, eu queria que o senhor assinasse aqui para mim, que eu vou requerer, porque eu vou fazer um curso lá em São Paulo, e eu quero com vencimentos”. “Ah senhora quer, a senhora quer ? inaudível] A senhora quer?” “Quero ganhar sim, eu tenho direito.” Aí: “Eles não vão dar, eu não vou assinar porque eles não vão dar. Porque o Dr. Ricardo ...” Aí ele: “ Dr. Ricardo que é cirurgião de coração não ganhou, a senhora que é enfermeira que vai ganhar?” Menina, mas eu tive uma raiva deste homem! Eu falei: “Está bem! Então o senhor, por favor, assina aqui que o senhor não vai...” Eu já tinha conversado com a chefe de enfermagem no Rio de Janeiro, porque ela esteve aqui. Eu conversei, e ela falou: “E já mandei do Sergipe, de não sei onde, vem todo mundo fazer curso. Nós vamos querer fazer o curso pelo menos duas em cada estado, por enquanto. E em Minas Gerais, não tem ninguém.” Aí ele pega e assina. E eu tinha pedido bolsa da CAPES, e nesse mesmo dia a Clélia Pinto, era muito amiga do Magalhães Pinto né, (Governador de Minas) tinha arranjado. Ah, eu falei: eu vou tirar licença, era cento e pouco que eu ganhava com professora. Ah, eu falei: então eu vou tirar licença, cento e pouco; era pouco, né! Pouco dinheiro aí a Clélia falou: “Não que isso uai! Todo mundo faz com vencimentos, porque você não vai fazer? Vamos lá, que eu vou telefonar para o Dr. Magalhães.” Aí telefonou, depois me telefonou: “ Enny oh, é para nós estarmos lá às 11 horas, porque meio dia ele vai para o Rio de Janeiro (RJ). Não pode atrasar!” E com a Clélia Couto, não pode. E eu sou desse tipo, eu não atraso, eu acho que eu aprendi com ela sabe? Quando eu atrasar em um negócio você pode saber que foi problema sério. Aí nós fomos. Chegando lá no Palácio, [do governo MG]... contar isso, estou contando tanta bobagem, mais... vou contar isso para você.

V.: (Riso).

E.: Música. Toda vida eu fui desafinada. E eu tomei bomba no Instituto de Educação, em música! E eu não aceitei aquilo, porque se eu tomasse português, matemática não sei o quê né? Não dependia de mim, a professora era um carrasco! E essa professora me deu bomba. Eu chorei um ano; eu vinha aqui pela avenida e tinha aquelas árvores, tinha aquelas bolinhas, eu

vim andando aqui, eu chorei um ano. Eu tinha vergonha, de ter tomado bomba. Então eu vinha andando no meio das árvores, para não vim com as outras colegas aqui e chorar. Um ano, eu chorei. E nesse dia essa mulher estava lá, já mais idosa, era presidente do, não sei se sindicato ou Associação dos Professores de Canto... e estava lá, aquela velha... “que hoje eu falo com ele. Hoje eu falo com ele, falava com aqueles segurança do portão. Hoje eu falo com ele, hoje eu não saio daqui.” Eu podia subir com ela nesse dia. Ele só falava com a Clélia Pinto no corredor. [Quando ele mandou entrar [[inaudível] foi a conta de uma promessa que eu fiz na minha vida, e pretendo não fazer mais.

V.: Você podia tê-la levado para conversar com o governador e não levou?

E.: Não levei. E saí feliz de lá. Ai...

V.: [Risos]. Vingou?

E.: Foi a maior vingança que eu fiz na minha vida. Ai eu, entramos... quando chegou lá ele encheu a bola, porque a Clélia Pinto era, era...trabalhava na política para ele, lá na terra dela.

V.: Eles eram parentes, não?

E.: Não. Eles, ela era política também, né. Então mas, o quê: “Oh doutor, essa menina queria pedir licença sem vencimento!” Ai ele falou: “Mas o que quê isso, nós estamos precisando é preparar o nosso pessoal, não a senhora pode ir,” Chamou o (inaudível) e perguntou: “A que hora que, que dia que vai publicar?”- Amanhã. “Amanhã, a senhora não precisa ir trabalhar mais não.” Ai, eu enchi de vento, eu cresci que nem sei com eu desci aquelas escadas do palácio, sabe. Olhei para aquela mulher, e falei “Filha da puta! [Risos] Você me fez chorar um ano e perder um ano na minha vida. Você não é nada!” E ela ficou lá e eu fui embora.

V.: Isso.

E.: Mas eu saí tão viva! Porque eu já tinha tomado aquela do outro: “ Dr. Ricardo, que é o...” - foi no mesmo dia - “...que é o Dr. Ricardo, que é, que é cirurgião de coração, não conseguiu. Você que é enfermeira...”

V.: Você foi à São Paulo, fazer que curso?

E.: Administração de Enfermagem.

V.: Quando, como é que foi essa sua experiência lá?

E.: Achei também muito boa, sabe? Porque , já tinha assim uma experiência profissional, né. E cheguei lá, o curso era muito bom. Dona Maria Rosa [Pinheiro] administrava muito bem, aquela mulher era um “crânio”, né menina. Mas a escola funcionava que era uma beleza.

V.: Era na USP (Universidade de São Paulo).

E.: É.

- V.: Ô Clélia, [enganou-se] depois você volta para BH desse curso e volta a trabalhar no mesmo local?
- E.: Aí, quando eu volto já houve a unificação dos IAPs.
- V.: Dos Institutos [de Aposentadoria e Pensão}
- E.: Aí eu fui para, onde é que eu fui... eu já fui para a acessória, lá, trabalhar na acessória de enfermagem, fazer supervisão de ambulatório. Reorganizar as clínicas e unificar as clínicas em ambulatórios, sabe? E , aí [tem tantos], inaugurou o da Sagrada Família, [PAM: Posto de Atendimento Médico] né. Depois, onde é que e fui? Ah depois, eu fui organizar SAMDU [Serviço Ambulatorial Médico Domiciliar de Urgência], fiquei cinco anos.
- V.: No SAMDU.
- E.: Depois nós entregamos o serviço para a Santa Casa. Que era uma casinha, funcionava aqui, e nós atendíamos é 55 mil pacientes/mês, sendo 50% crianças.
- V.: Tinha ambulância, não tinha?
- E.: Tinha. Mas não tinha exames, então era um drama, você precisava de um exame e não tinha. Aí organizaram a Santa Casa, e passou a ir para a Santa Casa, né. E fechou.
- V.: E depois?
- E.: Depois, eu fui para a comissão permanente de, aí eu fui fazer Direito (faculdade).
- V.: Ah, você fez direito?
- E.: Fiz. Fui fazer Direito e, nesse período que eu estava. Eu era meio doida, sabe. Vinte e quatro horas eu era responsável por aquele serviço o chefe brigava com o atendente e mandava a ambulância uma hora da manhã, me apanhar em casa. E a idiota ia, sabe.
- V.: Você fez o curso de Direito, em qual escola?
- E.: Em Divinópolis, (MG).
- V.: Divinópolis.
- E.: Em Divinópolis. Porque você fazendo sexta (feira) e sábado, você faz 50% da frequência e na quarta feira, que tem mais aulas, você vai para... porque às vezes você falha ou você perde a chamada, aquela coisa, então você complementa, sabe.
- V.: Muitas enfermeiras fizeram Direito?
- E.: Fez.
- V.: O que que aconteceu que houve esse movimento, todo mundo querendo fazer Direito?
- E.: Não sei, acho que a gente vê tanta injustiça na saúde, né menina. Que a gente...
- V.: Eu me lembro lá no Júlia (Hospital Kubitschek), várias enfermeiras fizeram Direito em Divinópolis, nessas cidades no interior.

E.: Eu ainda fiz especialidade em criminologia.

V.: Você chegou a exercer?

E.: A criminologia, eu falo que igual a psiquiatria, né. Porque a psiquiatria, você estuda é uma maravilha, né. Quando você entra para trabalhar...

V.: É outra coisa.

E.: E a criminologia, a mesma coisa, né. Você, é tudo maravilhoso, né. E quando você vai trabalhar. Aí, iniciei...

V.: Mas não deu certo.

E.: Não era a minha, sabe? Aí eu fui para a cível, fiquei 12 anos. Aí eu fui para a Comissão Permanente de Inquéritos.

V.: No INAMPS.

E.: É, no INAMPS. Lá eu fiquei, não me lembro quantos anos e fiz a... os processos, né. Porque nós fazíamos a sindicância, sabe, mas os procuradores é que...

V.: Analisavam.

E.: Não, é que...

V.: Você enquanto enfermeira isso?

E.: É, enfermeira.

V.: Sim.

E.: Lá eu fiquei quanto enfermeira. Eu não quis fazer como procuradora. Na época era o mesmo vencimento, havia uma gratificação, mas era mais a chefia quem dava. Então eu falei : “não vou fazer uma coisa dessa “, aí eu fiquei, porque, a gente conhecida assim em um instituto muito grande aparece um aparece outro e eu fiquei com uns colegas, poucos meses depois não deu certo. Porque no mês de fevereiro, apareceram sete - conta de mentiroso, eu falo conta de mentiroso - sete divórcios para mim. E só a mais burra é que divorciou. Conversei, expliquei orientei. Fiz, não quis saber... Eles falaram: “Nós não podemos nem pagar a senhora, né? Eu falei.” Mas que dia que eu deixei de pagar as despesas aqui?”

V.: Você convenceu as outras de não divorciar, aí não ganhou dinheiro ?

E.: Não ganhava, né. Um dia estou no Shopping Center, chega uma pessoa, me abraça me roda, nem sabia quem era. “Ah, graças a Deus, foi você que não deixou eu divorciar.” Fiquei com medo da mulher quebrar a minha costela, eu tão fraquinha.

V.: (Riso).

E.: Me apertou tão forte. Aí depois, eu fiquei mais assim, com Direito de Família e tudo, mas foram só 12 anos. Depois, eu passei para - mas continuando a trabalhar lá na Comissão de

Inquéritos, né -. E, mas eu saí da Comissão de Inquéritos e fui para a Coordenação de Controle e Avaliação, aí já era fiscalização só de hospitais; que lá tinha vários processos: era INAMPS, era IAPAS, os processos eram variados. Então começou ficar muito forte para os hospitais. Desliga aqui um pouquinho.

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO A PEDIDO DA ENTREVISTADA]

E.: Fiquei até me aposentar.

V.: Quando você se aposentou?

E.: Aposentei em 83.

V.: Em 83. Enny, depois que você formou, você voltou `a Escola?

E.: Eu vinha muito aqui, assim, como presidente da ABEn, é, é as pessoas que me davam assim, cobertura e a...será que eu vou esquecer o nome dela, eu não posso.

V.: (Riso). O quê que...

E.: Nem, Izaltina me dava muita cobertura, é...

V.: Carmelita?

E.: Não, Carmelita de vez em quando. A Carmelita não me apreciava muito não, sabe? Não sei, não sei o porquê; percebo que ela não me apreciava, não. A (...), quem me deu uma cobertura tão boa... fala os nomes das diretoras.

V.: Yole? [de Carvalho Mazzoni]

E.: Não, Yole não.

V.: (inaudível) Ge, é...

E.: Não. Como é que chama? [estalar de lábios]. Aquela muito delicada?

V.: Noemi [Maria, Ferreira Ribeiro]

E.: Noemi. Noemi me deu uma cobertura excelente. Então, eu fazia a Semana de Enfermagem aqui, né. As coisas aqui, ela cedia auditório, ela dava colaboração na ABEn [Associação Brasileira de Enfermagem].

V.: Então vamos começar um pouquinho antes, já que você começou a falar da ABEn, você começou a militar na ABEn quando?

E.: Acho que um ano ou dois. Foi na época da Marina Resende, ela estava deixando a Associação, ela foi presidente da Associação. Ela estava deixando, eu não me lembro a data, que eu comecei.

V.: É, nós temos registrado que você foi segunda secretária em 64 e 66 na gestão da Clélia Luiza Gonçalves Pinto.

E.: É. Foi ela que me indicou para a diretoria.

V.: Como é que... você se lembra desse período que você foi secretária com Clélia, de presidente, de alguma atividade significativa da ABEn?

E.: Bom, Clélia trabalhou muito para ABEn, assim especificamente não. Ela trabalhou muito para o COREn [Conselho Regional de Enfermagem], sabe. Para compra da sede, compra de telefone.

V.: Com é que vocês conseguiram comprar a sede? Foi nesse período.

E.: É.

V.: O que vocês fizeram para angariar dinheiro?

E.: Da sede, quando eu comecei a trabalhar mesmo, já havia aquele apartamentozinho lá, [na rua Alagoas] depois a Clélia comprou um telefone e, eu me lembro assim, mas não me lembro o dinheiro, de onde veio, sabe?

V.: É nesse período, logo depois 66, 68, você foi da Comissão de Assistência, ainda com a Clélia.

E.: É.

V.: Né. E houve a comemoração dos 40 anos da ABEn, você se lembra da, dessa organização, dessas entidades.

E.: Eu me lembro, eu me lembro que houve, mas o quê houve, eu não...

V.: Você não se lembra.

E.: Como foi feita, eu não me lembro, sabe? Eu me lembro que houve isso, me parece que a Francisca Libâneo, começou até fazer um levantamento da Associação, o histórico da Associação, mas não me lembro mais.

V.: Depois em 68 a 70 você foi a presidente.

E.: Exato.

V.: Fala para a gente como é que foi essa eleição, como é que foi essa história de ser presidente da ABEn?

E.: Eu não sei. Acho que foi a Clélia que me elegeu. (Riso).

E.: Sabe porque? Ela, eu sei que eu entrei e ganhei.

V.: Ah, teve alguma outra chapa?

E.: Acho que de Juiz de Fora...

V.: Dessa época? Foi chapa única?

E.: Acho que essa foi chapa única.

V.: Você falou Juiz de Fora, o quê que tem Juiz de Fora?

E.: Juiz de Fora, votava em mim direto, não sei porquê.

V.: Regional de Juiz de Fora?

E.: É, Juiz de Fora. A segunda eu ganhei com Juiz de Fora.

V.: A segunda vez, foi de 76 a 80 também.

E.: A segunda vez, eu não podia aceitar. Mas nessa primeira vez, eu sofri horrores, porque a ABEn Central, fez umas dívidas e dividiu para Minas Gerais o mesmo tanto para São Paulo e Rio. E nós não tínhamos muitos associados. Nós não, tínhamos jeito. Eu acho que nós fizemos uns cursinhos, Umás coisas assim para angariar o dinheiro, sabe? Mas não tinha jeito de angariar sócias. Eu passei o maior aperto, eu sei porque a irmã Teresa Notarnicola é quem tomava conta, ela falava assim: : “Ó tem que pagar tal dia assim , assim e blábláblá.

V.: Por que a ABEn Central estava precisando de dinheiro?

E.: Porque estava construindo a ABEn Central, teve que construir dentro dos parâmetros de Brasília, né.

V.: Ah, para construção da sede em Brasília.

E.: Porque tinha que ser na região de associação, fizeram um projeto lá, e não foi aceito, tinha que ser feito pela, será que era pela Belacape chamava o negócio? Tinha que fazer dentro daqueles parâmetros, porque a ABEn tinha parente de enfermeira, que podia fazer as coisas sem cobrar. Menina, mas foram, eu acho que foram 50, 50 mil réis.

V.: Era muito dinheiro, né?

E.: Era 50 mil réis para pagar naquele período. E quando eu volto, foi o restante.

V.: Da dívida.

E.: Eu tive que pagar.

[FINAL FITA 2 LADO A]

FITA 2 LADO B

V.: Bem, você estava falando da construção da sede da ABEn Nacional que Minas Gerais teve que pagar a mesma cota.

E.: É. A mesma cota de São Paulo...

V.: E do Rio.

- E.: E do Rio. Eu não sei se a Bahia pagou, mas eu acho que não, eu acho que não, eu acho que foi os três. Então ficou muito pesado, né.
- V.: Tinha que trabalhar é muito!
- E.: Muito! E tinha prazo de construção, também. Porque me parece que tinha ganho o terreno há mais tempo, então tinha prazo para construção. E foi aquele aperto. E...
- V.: Como é que vocês faziam para aumentar o número de sócios?
- E.: Uai! Uma colega ou outra pegando uma no serviço, uma coisa assim, sabe?
- V.: E a diretoria, funcionava, as pessoas iam nas reuniões naquela época Enny?
- E.: Iam.
- V.: Frequentavam a ABEn?
- E.: A segunda diretoria que teve que ser desfeita logo.
- V.: Por que?
- E.: Porque ela não aceitava a se candidatar, e depois não [puderam] comparecer.
- V.: Aí foi substituída?
- E.: Aí teve que ser substituída. Várias vezes.
- V.: Em 72, teve um congresso aqui em BH, você se lembra, deste congresso? Dona Izaltina era presidente [da ABEn MG].
- E.: Exato, espere aí. Foi, foi esse que deu oportunidade, ah, mas antes disso... nós tínhamos um dinheiro na poupança, todo dinheirinho... Nós não comprávamos nem um café, para nós tomarmos, você entende? As meninas faziam limpeza lá. A secretária levava toalha para lavar em casa.
- V.: Você se lembra de quem era secretária na época?
- E.: Na época foi a Dulce Mendes, a primeira. A segunda foi...
- V.: Ah, secretária enfermeira? Tá.
- E.: É, enfermeira. Ah não...
- V.: Funcionária não tinha não?
- E.: Não tinha funcionária não.
- V.: Que horas funcionava a ABEn?
- E.: Ela funcionava às terças e quintas (feiras), de 14 até...
- V.: Enquanto dava?
- E.: É. Não, nós tínhamos, a gente tinha uma datilógrafa, que a gente pagava. O último preço que eu paguei foi quinhentos cruzeiros por mês, sabe? Mas, não tinha assim conhecimento para organizar uma secretaria, era só bater ali a coisa, datilografar alguma coisa que você queria.

Então a gente teve esse período difícil. O segundo também foi muito difícil. Mas aí, dona Izaltina fez esse congresso. Será que nós pagamos? Agora eu estou pensando... Ah, nós tínhamos esse dinheiro.

V.: Na poupança.

E.: Nós começamos a emprestar à juros.

V.: Ah, caixinha?

E.: É. E depois nós conseguimos registrar. Acho que foi a Clélia Pinto que conseguiu registrar na Caixa Econômica, porque a instituição não tinha. Então rendia, e nós não tirávamos nada, ia rendendo aquele assim. Então teve um dinheirinho para ajudar no congresso. Depois, houve uns negócios aí, eu não sei como é que fez, deixaram o dinheiro lá. Tinha que pagar isso, alguém prometeu, eu sei que teve algumas coisas aí. Mas eu não participei do congresso. Sabe? Parece que ficaram com o dinheiro retido, não puseram na poupança, porque estavam na pendên, acho que na pendência de pagar o salão. Porque alguém prometeu de arranjar o salão aí, e depois não conseguiu com a autoridade lá. Eu acho que teve que pagar o aluguel do salão. Mas eu não entrei nisso não.

V.: No período que você foi presidente a segunda vez, você tentou criar um centro de estudos? Você se lembra disso?

E.: Lembro.

V.: Como é que foi essa história?

E.: Olha, é porque eu já fazia supervisão, então eu chegava não só nos hospitais mas principalmente no interior, e via as colegas recém formadas, todas assim desorientadíssimas. Porque eles colocavam 20, 30 funcionários no hospital, analfabetos, gente do interior, né? Sem treinamento, sem nada. E botava uma enfermeira lá para salvar a pátria. Para dar nome ao INPS. Não vou dar nome aos bois.

V.: Quer que desliga?

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO A PEDIDO DA ENTREVISTADA]

V.: É, você teve alguma participação na criação do sistema COREn/COFEn? [Conselho Federal de Enfermagem]

E.: Não.

V.: Nem foi da Diretoria?

E.: Não, nunca participei.

V.: Enny, depois, você falou que aposentou, depois que você aposentou o que você começou a fazer, o que você faz atualmente?

E.: Abri uma fabriqueta de perfumes.

V.: Ah, fábrica de perfume?

E.: É. E toda vida eu fui muito vaidosa, né. Agora que estou essa “coisa”.

V.: (Riso).

E.: Mas aí, eu tive uma alergia, menina! Quando eu estive em São Paulo, eu fiz um cursinho de perfumista. Uma coisa assim, quando eu cheguei aqui eu falei: quer saber de uma coisa, eu gosto de perfume, eu vou tratar de embelezar os outros. Porque meu sobrinho um dia, veio falar parar mim: “Tia o quê que a senhora...” Ele tem fábrica de, de cosméticos, né. “Tia, mais o que você foi escolher, enfermeira, pessoal doente; advogado que só trabalha com gente ignorante, quem sabe resolver os seus problemas não procura advogado.” Isso, ele rapazinho. “Eu não, eu trabalho, quando eu chego perto das mulheres elas ficam loucas, elas sorriem, e elas querem cabelos, querem coisas para clarear os cabelos, para dar banho de óleo, prá não sei o quê. Cada uma ri o mais possível. E a senhora foi escolher essa profissão?!” Que coisa, né?

G.: Oh Enny, você escolheria hoje de novo, fazer enfermagem?

E.: [Acenando positivamente]

V.: Faria.

E.: Faria. Com todos, porque depois eu fiquei muito autoritária, depois que eu passei. Mas eu estudava, você está entendendo, porque eu não aceitava, porque a gente tinha reunião multidisciplinar, né. Então você tinha que entender da coisa, para poder né? Se manter.

V.: Mas você não terminou de falar a história da criação do centro de estudos?

E.: Ah, do centro de estudos! Foi Zelinha, eu pedi Zelinha para...

V.: [Maria] Zélia Carneiro?

E.: É. Para fazer esse negócio. Ah! Então eu via essas meninas...e eu falei: “Gente! Saí, a pessoa está sem emprego, não tem bibliografia, e, e... eu queria fazer o centro de estudo com uma enfermeira mais experiente para orientar. Então as meninas podiam ir lá, e falar das suas dificuldades e uma enfermeira mais experiente orientá-las. E vinha uma lá de Venda Nova [bairro da grande BH], meu Deus! Se eu pudesse eu tinha carregado aquela mulher lá para casa. Hoje eu estou igual a ela. (Riso).

E.: É. Fiquei com tanta pena! Sabe? Falei: “Gente, eu precisava dar uma ajuda essa colega”, falei com ela para voltar mais lá, para eu arranjar outras para ver se dava orientação para elas,

sabe? Ela não era ignorante não, sabe? Ela tinha algum preparo. Mas sabe, quando a pessoa está jogada lá no fundo do poço?

V.: E você conseguiu criar este centro de estudo?

E.: Não consegui.

V.: Por que?

E.: Começou assim, é, sabe, começa aqueles grupos: “Vamos gente, vamos dividir os grupos de especialidades, porque aí vem a turma. Porque eu queria assim por especialidades, sabe por que? Ficava mais fácil, né. E nós vamos dar um jeito de arranjar uma bibliografia aqui, uma bibliotecazinha.

V.: Isso lá na ABEn?

E.: Na ABEn mesmo. Sabe? Mas aí não deu. Acho que a... não sei se foi quando o sobrinho da Zélia Carneiro morreu, ela tinha um sobrinho que morreu de câncer, ela deixou sem, sabe? E as outras pessoas que estavam, ficaram.. E aí, foram surgindo problemas, hoje não vem, amanhã não vem, e por aí terminou.

V.: Depois que terminou sua gestão, você teve, foi vice da Maria José, porque era regimentar, né, depois você parou de ir na ABEn? Como é que foi isso?

E.: Parei.

V.: Você chegou a participar daquele congresso de 84.?

E.: Eu não fui. Eu era segunda vice presidente. Eu nunca recebi uma carta para comparecer, como é que chama?

V.: Convocação?

E.: Uma comunicação. Não precisava nem ser uma convocação, uma comunicação.

V.: Das reuniões. Então você foi segunda vice, mas não era chamada, não foi utilizada, digamos assim? Algum problema político, entre você e a presidente daquela época?

E.: É. Ela fez assim, uma depreciação, da situação que ela encontrou a ABEn. Eu já não tinha mais, não tinha secretária; Ana Maria [Pimenta] tinha ficado doente; a tesoureira que agüentou as pontas, foi a, a, Doralúcia [Ferreira das Graças] sabe? Eu já não tinha mais, no final assim, já não estava tendo mais gente para dar uma sustentação assim à ABEn, sabe? E a gente estava muito estressada, minha secretária saiu, arranjei emprestada a menina da Santa Casa, até uma boa secretária aí da Santa Casa, mas ela ia lá, de vez em quando, para poder fazer uns escritos para nós. Então realmente ficou. Mas o que eu fiquei, assim aborrecida, porque ela saiu, né, propagando para todo mundo a situação.

V.: Então nem do congresso você participou?

E.: Eu nem sei se, se, a menina era muito correta. Eu tinha tanta confiança na, na tesoureira. Eu acho que a coisa, toda vida eu confiei nela, porque ela era exigente, qualquer coisinha que se comprava qualquer coisa, passou. E nem no dia que passou na tesouraria, eu não compareci.

V.: Bom, mais alguma coisa Enny que você queira colocar para gente?

E.: Não, minha filha. Eu acho que é isso mesmo, a situação é uma vida assim né, cheio de altos e baixos, mas que...

V.: Valeu a pena ter vivido, estar vivendo, né.? Ter vivido essa experiência profissional.

E.: Foi uma experiência. Pude ajudar muita gente, sabe. Então nesse SAMDU aqui, eles falam SAMDU né, a miséria é muito grande. Mas eu brigava.

V.: Era briguenta?

E.: É. Porque não pode levar fulano, eu sei que não pode, mas eu enchia a ambulância. Você anda dois Km com esse, você anda três Km com esse; não esse quer que passe na casa dele! Eu falei não pode, ele já está sabendo disso.

V.: (inaudível), resolver o problema, né?

E.: Paciente de 60 anos para cima, ele já sentava no banco. Porque todo mundo chegava passando muito mal, né? Então já punha todo mundo; fazia a ficha, 60 anos passa par dentro e senta lá naquele banco. Então era, era desse jeito. Mas a gente pode ajudar muita gente, porque cardíacos vinham, não tinham dinheiro, vinham para pegar uma amostra. Andavam 7 Km a pé para vir, né. Aí eu juntava aquele pessoal todo. “A onde que é o chamado?” “Não, não vai sair da rota não, deixa mais perto, se você andar um Km dois Km com ele já melhora”.

V.: Ajudar um pouco, né? Tá bom, a gente agradece então a sua participação.

[FINAL FITA 2 LADO B]

[FINAL DA ENTREVISTA]

Ficha Técnica

Data da Entrevista: 17 de outubro de 1997

Local: Escola de Enfermagem da UFMG

Número de Fitas: 02

Duração: 120 minutos

Entrevistadores: Valda da Penha Caldeira

Geralda Fortina dos Santos

Luciana Rodrigues da Anunciação

Traços Biográficos e Sumário: Geralda Fortina dos Santos

Conferência de Fidelidade: Valda da Penha Caldeira